

ARQUITETURA, OS MORADORES DE RUA E A TRANSFIGURAÇÃO DE NOSSA SOCIEDADE!

Maria Cecilia Loschiavo

Tradução do inglês para o português: arquiteta Celma Paese



TÓQUIO



LOS ANGELES



SÃO PAULO



A possibilidade para juntar-me ao Human Layer London Project aconteceu inesperadamente, através de um *e-mail* de Christian Edlinger, em maio de 2004, perguntando se eu gostaria de escrever um artigo sobre os sem-teto nas cidades contemporâneas. Eu aceitei, primeiro porque desde 1994 estou conduzindo uma pesquisa sobre os desabrigados em várias cidades do mundo, e segundo, porque, em minha opinião, é sempre hora de levantar a consciência crítica relacionada a esse assunto, considerando que o tópico principal do projeto do laboratório de Casagrande é o humanização de nossas cidades.

Falar sobre humanização significa ser humano, o que representa estar se relacionando com outros seres humanos em algum espaço. Que papel a arquitetura tem na humanização de nossas cidades? Como uma arquitetura humanitária podia abranger os sem-teto? Como uma arquitetura humanitária poderia influenciar, na prática, para a melhoria das condições sociais dessas pessoas?

Hoje, a literatura disponível sobre os sem-teto discute aspectos importantes desse problema social através de um largo espectro, porém há pouca pesquisa sobre como nós arquitetos podemos ajudar estas pessoas através da atividade projetual. Tal trabalho se torna urgente. É importante compreender os aspectos materiais da cultura dos desabrigados: o *habitat* informal criado pelos desabrigados e por seu impacto no ambiente urbano de cidades globais, tais como São Paulo, Los Angeles e Tóquio, entre outras.

Embora a paisagem urbana, com um grande número de desabrigados e seus abrigos improvisados e originais, fosse associada por muito tempo às cidades do Terceiro Mundo, na segunda metade do século passado algumas dessas cidades de papel e de plástico começaram a aparecer nas grandes metrópoles mundiais, expondo ao público o número enorme de miseráveis e desabrigados em todo o mundo.

Olhando seus abrigos informais, podemos ver como eles se adaptaram à vida nas ruas de cada cidade, mostrando que existem várias possibilidades e estratégia para resolver o problema do abrigo.

A cultura dos desabrigados é diferente em cada uma das cidades, com seus próprios componentes políticos, sociais e culturais. Em cada uma, os materiais utilizados para erguer seus abrigos revelam sua criatividade e, ao mesmo tempo, a ingenuidade em cada um dos projetos espontâneos. Seu comportamento adaptável indica que não são somente vítimas, mas também agentes ativos que podem criar e construir seus abrigos temporários utilizando e reciclando tudo e qualquer material disponível.

Essas cidades de papel e plástico são construídas do lixo que nossa cultura industrial e tecnológica produz no nosso dia-a-dia. Enfrentar a experiência de mergulhar vertiginosamente nas sombras e construir abrigos frágeis, movidos pela necessidade, fez com que os desabrigados transformassem o conceito e a dinâmica das cidades.

Dentro das cidades de papel e de plástico é possível observar uma

série das práticas relacionadas à cultura e à presença dos moradores de rua. Dentre elas, gostaria de mencionar o estabelecimento de culturas do desemprego, que levaram ao nomadismo, à bricolagem como formas de resistir à exclusão e criação de estratégias para sobreviver. Outro aspecto a ressaltar refere-se ao estabelecimento de uma justaposição da cidade formal com a cidade de plástico e de papelão, que freqüentemente incorpora elementos do ambiente construído, como marquises, espaços residuais, baixios de viaduto, etc.

A pesquisa procurou identificar e descrever os principais materiais e produtos reutilizados pelos moradores de rua na produção de seus habitats informais. Dentre outras, constatou a presença extraordinária de todos os tipos de embalagens, com as quais os moradores de rua criam uma variedade de soluções para exercer as funções da vida doméstica no espaço público.

Os dados dessa investigação resultaram de pesquisa de campo realizada nas três cidades estudadas – São Paulo, Los Angeles e Tóquio – onde pude observar sistematicamente e identificar os procedimentos e os materiais empregados pelos moradores de rua na construção de seus habitats.

As cidades de papel e de plástico constituem uma herança dramática do século XX, e uma das grandes questões com as quais hoje se deparam os arquitetos, urbanistas, políticos e a sociedade civil em geral. Nesse contexto, qual seria a possível contribuição da arquitetura? Do urbanismo e do design?

Não é um exagero dizer que um dos aspectos a ser considerado deve ser a importância de comprometer politicamente o trabalho dos arquitetos, gerando maior interesse em desenvolver, através de sua experiência e prática profissional, alternativas viáveis para a solução do problema dos sem-teto.

Um outro aspecto que deve ser reconhecido por nós é a necessidade urgente de mudar a formação do arquiteto, transformando-o em um profissional comprometido com a sociedade, gerador de transformação social, buscando assegurar o direito de moradia para todos.

Para pensar a arquitetura no contexto da educação libertária, julgo oportuno retomar as palavras do filósofo francês Michel Foucault (1984). Em uma entrevista famosa sobre o espaço, o conhecimento e o poder, falando sobre a arquitetura como uma força de libertação, ele enfatizou:

“A liberdade é uma prática. Assim pode, de fato, sempre haver um determinado número dos projetos cujo alvo é modificar algumas restrições, desatar, ou talvez quebrá-las, mas nenhum destes projetos consegue que isto aconteça simplesmente por sua natureza, asseguram que os povos terão a liberdade automaticamente, que esta estará estabelecida pelo próprio projeto. A liberdade dos homens nunca é assegurada pelas instituições e as leis que pretendem garanti-la. [...] A arquitetura pode e produz efeitos positivos quando as intenções libertárias do arquiteto coincidem com a prática real dos povos no exercício de sua liberdade”.

NOTA

¹ Este texto foi publicado no *Human Layer London Project*, dirigido pelo arquiteto Marco Casagrande. Tradução de Celma Paese.

REFERÊNCIA

FOUCAULT, Michel. Space, knowledge and power. In: RABINOW, Paul (Ed.). *The Foucault reader*. New York: Pantheon Books, 1984.

LEGENDAS**Tóquio**

Sumidagawa, desabrigados

Fonte: Maria Cecília Loschiavo

Ksshinjuku Central Park, Tokyo City Hall

Fonte: Maria Cecília Loschiavo

N-Shinjuku, lavanderia dos desabrigados

Fonte: Maria Cecília Loschiavo

Los Angeles

Túnel de papelão na Broadway, Los Angeles.

Fonte: Maria Cecília Loschiavo

Skidrow, Los Angeles

Fonte: Mario Barros

São Paulo

Habitação informal em São Paulo, Avenida Sumaré

Fonte: Maria Cecília Loschiavo

Berço de papelão, São Paulo

Fonte: Douglas Mansur

Habitação informal em São Paulo, Rio Tamanduateí

Fonte: Douglas Mansur

Maria Cecília Loschiavo

Filósofa e professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, pesquisadora do CNPq. closchiavo@usp.br